

A (RE)CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ESCOLAR VIA PROJETOS DE APRENDIZAGEM

THE RECONSTRUCTION OF SCHOOL IDENTITY THROUGH LEARNING PROJECTS

Sergio Vale da Paixão¹Data de entrega dos originais à redação em: 28/06/2017
e recebido para diagramação em: 12/03/2018

Algumas iniciativas têm encontrado nas novas tecnologias de informação e comunicação novas aliadas no favorecimento ao aprendizado escolar e conseqüentemente na diminuição da evasão e fracasso. No entanto, algumas metodologias alternativas podem contribuir para um resultado benéfico no que diz respeito à aprendizagem bem como para fortalecer a identidade da escola garantindo melhorias na educação. A intenção nesse texto é a de relatar uma experiência, enquanto professor e pesquisador de uma escola, que adotou uma metodologia ativa para fortalecer o ensino de um município. O relato consiste em divulgar um projeto de aprendizagem desenvolvido por professores de uma escola municipal em Quatiguá no interior do Paraná. Esse trabalho tem como fundamento a metodologia do Programa A União Faz a Vida- SICREDI baseada nos estudos de Hernández e Ventura (1998).

Palavras-chave: Projetos de Aprendizagem. Identidade Escolar. Metodologia Ativa.

Some initiatives have encountered the new information and communication technologies so discussed lately in the school environments, as allies in the intention of favoring the learning, diminishing the evasion and the failure. However, some alternative methodologies can also contribute to a beneficial result regarding the learning, as well as to strengthen the school identity ensuring improvements in education. The objective of this presentation is to report an experience, as a teacher and researcher of a school that has adopted an active methodology to strengthen the students' learning of a township through significant learning projects. The report consists in exposing the result of a learning project developed by teachers from a local school in Quatiguá in the countryside of the state of Paraná in Brazil. This work has as theoretical basis the methodology of the Program "A União Faz a Vida" – (PUFV) SICREDI – financial institution manager of the social program in Brazil – based on the studies of Hernández and Ventura (1998).

Keywords: Learning Projects. School Identity. Active Methodology.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, quando o assunto é a formação de professores, muitas discussões têm se inclinado acerca do uso das novas tecnologias nas escolas buscando novas formas de se ensinar e aprender (NOGUEIRA, 2008). Propostas de trabalho que utilizem as mídias em sala de aula, no intuito de melhor aproximar os alunos dos conhecimentos científicos prescritos no currículo escolar têm sido bastante presentes nas pesquisas na área da educação e da Linguística Aplicada, principalmente quando o assunto em pauta é a educação linguística. Pensar no uso das novas tecnologias, bem como repensar a formação inicial e continuada do professor com vistas à utilização de novas técnicas e instrumentos para melhoria das aulas e, conseqüentemente, da aprendizagem é, senão, uma discussão um tanto quanto rasa, quando ainda não se sabe onde se quer chegar com o trabalho desenvolvido na própria escola, seja dispendo das novas tecnologias disponíveis para o ensino, seja utilizando antigas técnicas de trabalho, em que instrumentos como a lousa e o giz se fazem ainda bastante presentes no ambiente escolar. No entanto, é válido destacar assim como Souza que:

[...] com a abundância de novos espaços eletrônicos de interação e a explosão da educação à distância, há a tendência de que esses espaços sejam cada vez mais utilizados para facilitar a aprendizagem, sejam

como suporte para distribuição de materiais didáticos, como complementos aos espaços presenciais de aprendizagem ou até mesmo como substratos inteiramente autônomos para suportar os modelos que estão recentemente estabelecidos, e os que ainda estão por vir. (SOUZA, 2012, p. 106).

Ao longo de nossa experiência na educação básica em escolas públicas e particulares, pudemos perceber o quanto algumas escolas não possuem segurança, a respeito daquilo que se faz ou onde se pretende chegar com seus alunos, naquilo que se propõem a fazer por meio do currículo escolar. A fragmentação do tempo em minutos, para a organização das aulas, calendários anuais de avaliação, avaliações formais ainda na modalidade do papel impresso e corrigidas com caneta vermelha, a organização do espaço da sala de aula, ainda na configuração de carteiras em filas indianas, umas após as outras, são alguns dos exemplos que comprovam a distância das novidades trazidas pelas pesquisas científicas contemporâneas para a construção de um novo espaço escolar no qual se aproximam conhecimentos e novas técnicas de ensino e aprendizagem, criando uma nova perspectiva nesse processo.

De acordo com Nogueira:

Uma coisa é ter um currículo manipular, determinista, que desenvolve cidadãos acrílicos e passivos diante

1 - Dr. Sergio Vale da Paixão - IFPR - Jacarezinho - Grupo de Pesquisa: GECLIT - CNPq/IFPR. < sergiopaixao@hotmail.com >.

dos ditames da política e do poder capitalista, outra é ter um currículo que pode e deve formar o cidadão crítico, mas que se molde e desenvolva as competências necessárias para poder competir e sair-se bem no mercado de trabalho, conquistando assim um emprego que lhe permitirá um digno sustento, a sobrevivência e a busca da plena felicidade como ser social. (NOGUEIRA, 2008, p. 15).

Alguns estabelecimentos de ensino, no afã de preparar os alunos para o vestibular e recebendo intensas cobranças dos pais, preparam aulas em formatos variados, utilizando-se das mais diferentes metodologias para que os alunos já iniciem, desde os primeiros anos do ensino fundamental, sua familiaridade com questões similares às dos concursos vestibulares. Nesse movimento, encontra-se com maior facilidade artefatos da tecnologia, tais como computadores, *tablets*, projetores *data show* e lousas interativas utilizadas no intuito de motivar a participação discente para as aulas que estão sendo ministradas. No entanto, o resultado desse trabalho, algumas vezes, tem sido avaliado da maneira mais tradicional possível, por meio de avaliações tradicionais, o que contradiz o aspecto inovador que os referidos artefatos e métodos proporcionam ao ambiente da sala de aula. Acontece que, assim como comenta Ribeiro (2012, p.36) no que concerne o trabalho com a linguagem na escola, “as pesquisas sobre letramento implicado nos usos dessas novas tecnologias são muito recentes, às vezes preliminares, de caráter apenas descritivo ou ainda pessimistas ou otimistas demais”, o que exige uma melhor compreensão por parte do professor do verdadeiro sentido de se trabalhar com tais tecnologias de forma correta e eficaz.

Provas de múltipla escolha, questões somatórias, preenchimento de gabaritos, rigidez no tempo de início e entrega da prova, dentre tantas práticas sufocam possibilidades de aprendizagem significativa que proporcionam a construção do conhecimento e fortalecem a “decoreba”, o que alimenta nos pais e, em grande parte dos professores, a crença da aprendizagem, uma vez que o resultado de avaliações e simulados parecem ser satisfatórios a curto prazo. Outras escolas, com tendências bastante alicerçadas nas questões religiosas, como é o caso de colégios mantidos sob a responsabilidade de instituições eclesásticas ou filantrópicas, debruçam-se em orientações pedagógicas, buscando a reflexão sobre as disciplinas do currículo, seguindo um viés de caráter cristão. No entanto, há escolas que ainda não se reconhecem com uma identidade própria, que entendam sua instituição com uma característica particular, simplesmente se chamam escola e passam a vivenciar seu cotidiano de trabalho como uma rotina de tarefas e construções acadêmicas, sem a devida preocupação com o resultado social e particular dos alunos, entendendo tal resultado apenas como a nota final de uma avaliação e/ou uma média no final do bimestre.

É no mínimo compreensível, que uma escola que não se reconheça com uma identidade própria, ou seja, que não tenha seu auto reconhecimento e o da comunidade, pela característica que lhe é própria – uma escola que ensina por projetos, que se preocupa com a

pesquisa, que tenha uma metodologia inovadora, que trabalhe com o lúdico, que forme bons leitores e/ou produtores de texto ou que garanta a vaga de muitos formandos nas universidades, por exemplo - tenha sua fama garantida pela indisciplina ou pela evasão dos alunos.

Um dos grandes desafios da escola, não de hoje, mas durante toda sua existência é a compreensão de certos conceitos necessários para que o resultado do trabalho em qualquer nível de educação seja satisfatório. O que é escola? O que é educação? O que significa ensinar e aprender? Como o aluno aprende e como se ensina? E ainda, e talvez o mais importante: que conceito de aluno/criança/adolescente se tem quando se prepara uma aula?

Nossa inquietação não é algo inédito, afinal muitos outros já se preocuparam em questionar o papel da escola e da postura de muitos professores, alguns deles recém-formados e ingressantes das cadeiras docentes das escolas do Brasil, conforme nos aponta Tardif (2008). Muitos professores estão reproduzindo velhas práticas de ensino, ao invés de produzir novas formas e metodologias que se aproximem dos interesses, anseios e necessidades dessa geração digital, do fone de ouvido, da interação virtual e das informações rápidas.

Há de se reconhecer que muitas dessas práticas, hoje tidas como ultrapassadas, tiveram bom êxito há anos atrás e que por meio delas, muitas gerações se “formaram”. Porém, é legítimo que se reconheça que estamos vivendo um novo momento em que qualquer que seja a fórmula, a regra ou a estratégia de se aprender algo, os alunos podem encontrar facilmente fora da escola, sem a presença do professor, em páginas de busca na rede mundial de computadores.

Algo que tem se tornado bastante evidente é que os alunos nunca aprenderam tanto, de formas diferentes e com motivações diferentes. Tomemos como referência o aprendizado de Língua Inglesa na escola. Basta fazer contato com os alunos e tê-los como “amigos” nas redes sociais para se perceber as expressões e escritas naquela língua, utilizadas em apresentações do *Facebook*, *messengers*, *Twitter* e outras. Constantemente, deparamo-nos com situações de alunos que questionam significados de palavras e expressões, que são rápida e facilmente esclarecidas pelos colegas, antes mesmo da tentativa de uma explicação pelo professor. Isso se dá pela grande quantidade de informações extraídas de jogos, páginas, *blogs* e letras de música disponíveis na internet e que são facilmente acessadas a qualquer instante. Assim questionamos: “o que ensinamos na escola que não se aprende fora dela?”. Diante desse questionamento particular, emerge uma hipótese: nunca estivemos tão próximos de fazer uma grande mudança no ensino quanto nos encontramos hoje.

Acreditamos e defendemos constantemente uma transformação na educação brasileira, não esperando do poder ou das políticas públicas tal iniciativa, mas na ideia de uma mudança institucional, uma verdadeira revolução dentro de cada escola. Uma vontade individual do professor, e de todos os envolvidos, de modificar internamente as práticas pedagógicas fundamentada naquilo que julgamos imprescindível para a construção de um ambiente educativo verdadeiramente significativo

para os alunos, ou seja, o reconhecimento da identidade da escola, para que, a partir desse reconhecimento, um novo momento se instaure não somente dentro dos muros da instituição, mas na comunidade como um todo.

É válido considerar que uma motivação coletiva no tocante a uma transformação institucional, somente se dá a partir de ideias, muitas vezes solitárias e individuais, que precisam ser colocadas em prática, testadas, avaliadas e constantemente reorganizadas e melhoradas a cada prática.

A prática pode ser vista como um processo de aprendizagem através do qual os professores retraduzem sua formação e a adaptam à profissão, eliminando o que lhes parece inutilmente abstrato ou sem relação com a realidade vivida e conservando o que pode servir-lhes de uma maneira ou de outra (TARDIF, 2008, p. 53).

A iniciativa individual, os reflexos dela em pequenos grupos e a parceria com a administração da escola, no papel da direção e coordenação, podem, aos poucos, fazer mudanças significativas no espaço escolar construindo assim, um novo ambiente, um novo lugar de ensinar e de se aprender com qualidade. Nossa crença nessa transformação é, portanto, fruto de nossa particular experiência e na ousadia que sempre tivemos em transformar as aulas em momentos significativos e prazerosos, não apenas para os alunos, mas também para nós. Prazer esse não entendido apenas como bem-estar de uma aula divertida, diferente e “legal”, mas em aprender, produzir e, principalmente, conhecer o mundo em que se vive repleto de linguagens, números, história, ciências, filosofia e de qualquer que seja o conteúdo da disciplina do currículo escolar. Vale dizer que “[...] não é pretensão questionar a importância de cada um desses conteúdos acadêmicos, mas tentar gerar uma reflexão sobre a forma e o contexto que são introduzidos aos alunos”. (NOGUEIRA, 2008, p. 19)

Nossa preocupação é, sem dúvida, a de garantir a qualidade de educação, de modo que a aprendizagem possa acontecer de forma significativa, o que, naturalmente, proporciona motivação e qualidade de vida para o docente e impede que a indisciplina tenha espaço na sala de aula, dando lugar a produção, trabalho, construção de conhecimentos, etc. Assim, concordamos com as palavras de Paulo Freire quando afirma que se deve ter solidariedade social e política para se evitar um ensino elitista e autoritário como quem tem o exclusivo do “saber articulado” no papel do professor.

Nesse sentido, é importante que se entenda o papel do lúdico, como forma de desenvolvimento de estratégias afetivas de se aprender e uma maneira de se reconhecer a diversidade no ambiente da escola, distinguindo o público discente como formado por sujeitos com identidades próprias. Sendo assim, urge a necessidade de estratégias de trabalho no ambiente escolar sustentados à luz da Psicologia, que entende o aluno como sujeito, com seus sentimentos, desejos, medos, anseios (VASCONCELOS, 2009) o que pode fortalecer os vínculos entre professor e aluno trazendo melhores resultados para as atividades desenvolvidas no

espaço escolar. E, assim, acreditando na transformação da escola, partindo muitas vezes de iniciativas particulares que, com certeza, passam a refletir nas práticas coletivas de trabalho da equipe, não só de professores, mas de todos os funcionários e, naturalmente, na construção de uma identidade institucional, é que nos debruçamos em interesses na perspectiva de se organizar projetos de ensino que garantam a efetividade dos trabalhos (ARANTES, 2003), que tenham como resultado a aprendizagem propriamente dita. Projetos esses que garantam a participação efetiva dos alunos nas tomadas de decisões e na construção de objetos de aprendizagem e que descentralizem o professor como o “dono do saber”, o que já foi constatado, não tem trazido resultados favoráveis, muito pelo contrário. Projetos de ensino que favorecem a criação de estratégias de organização dos conhecimentos escolares em relação ao tratamento de informações e com as relações entre os diferentes conteúdos em torno de problemas ou hipóteses que facilitem aos alunos a construção de seus conhecimentos, das informações dos saberes disciplinares em conhecimento próprio. (HERNANDEZ; VENTURA, 1998)

Nessa perspectiva, a aprovação no vestibular, o correto uso das novas tecnologias para o ensino das disciplinas curriculares, a reflexão acerca da filosofia de vida, comum em escolas de ordem religiosa, ocorrerão naturalmente e com a eficácia que só uma educação centrada no papel ativo do aluno como protagonista das atividades escolares fortalecerá um ensino de qualidade em que não há espaço para a evasão e principalmente para a indisciplina.

2 UM NOVO OLHAR ACERCA DA METODOLOGIA DE PROJETOS

Muitos dos projetos dos quais tive¹ a oportunidade de participar, enquanto aluno em minha vida acadêmica na educação básica, foram marcados pelas apresentações em comemoração a algumas datas significativas para a escola. Minha participação, atendendo ao “convite” de meus professores, sempre foi a de decorar pequenos textos para serem apresentados publicamente em certos eventos. Cientes ou não daquilo que era pretendido com tal trabalho, meus professores passavam aulas e aulas organizando ensaios e materiais para que a apresentação acontecesse da melhor forma possível. É certo que o aprendizado ocorreu em certos aspectos, a desinibição ao me expor publicamente, posturas, produção de textos orais, dentre tantas outras aprendizagens. No entanto, indago-me a respeito do conhecimento do conteúdo pretendido pelos professores, quando sugeriram minha participação.

Anos depois, já no papel de docente, pude perceber que esse “formato” de organização de projetos escolares, não teve grandes mudanças. A ideia solidificada por grande parte dos professores e escolas, quando o assunto é a elaboração de projetos escolares, é a de transformar o tema escolhido em verdadeiros *shows* de imagens, luzes e sons para a comunidade ou para os pais, com a finalidade de vender a imagem de uma escola que produz e faz a diferença via projetos e apresentações. Portanto, é necessário que se pense

1 - Por se tratar de uma experiência pessoal, a partir de agora, o texto será redigido na primeira pessoa do singular.

assim como Hernandez e Ventura (1998, p.60) que a função do projeto deva

[...] favorecer a criação de estratégias de organização dos conhecimentos escolares em relação a: 1) o tratamento da informação, e 2) A relação entre os diferentes conteúdos em torno de problemas ou hipóteses que facilitem aos alunos a construção de seus conhecimentos, a transformação da informação procedente dos diferentes saberes disciplinares em conhecimento próprio. (HERNANDEZ; VENTURA, 1998, p. 60).

Para exemplificar um projeto que não reconhece esses dois pontos apresentados, torna-se importante trazer um exemplo de uma prática bastante comum em algumas escolas que é a feira do Livro². No intuito de receber visitas na escola, costumeiramente, prepara-se a grande e reconhecida "Feira do Livro". Essa atividade consiste em escolher um tema – muitas vezes escolhido pela coordenação da escola – para que se aborde e se exponha materiais e produções acerca do que foi escolhido em uma data eleita para a exposição dos trabalhos da escola. Com dias de antecedência, a escola é mobilizada para que se começasse a organizar as salas e materiais para a famosa apresentação. Durante um tempo prévio à feira, começam-se os trabalhos intensos, as chegadas de materiais e a construção dos painéis e falas dos alunos. Na mesma proporção começa-se a chegar as "falas" escritas em pequenos papéis para que os alunos iniciem a decorar seus textos para a apresentação. Na ocasião do evento, tudo ocorre da melhor forma; as falas dos alunos expostas publicamente para pais e convidados, inúmeras fotos tiradas, os pais convencidos da aprendizagem que ocorre na data, notas são atribuídas aos alunos pela participação no evento sendo as melhores para os alunos que comparecem à apresentação e os que não se fazem presentes são punidos com as notas baixas.

A correria para atender a expectativa dos pais em relação ao desempenho dos filhos faz com que a escola se organize durante dias para esse evento que, em muitos casos, tem efeitos bastante singelos no que diz respeito aos conteúdos do currículo escolar e à efetiva aprendizagem. Exemplos disso, o que me permite discutir com propriedade o assunto, é a resposta dada aos meus questionamentos, quando sempre me propus a conversar com os alunos uma semana após as exposições sobre o que havia ocorrido no evento. Muitos desses alunos sabiam apenas aquilo que tinham decorado sobre o tema do evento sem trazer nenhuma informação adicional. Isso mostra que propostas de projetos surgidas sem motivação discente, criadas apenas para interesses de promoção da escola para atrair novos alunos, bem como agradar os pais, não são totalmente eficazes naquilo que realmente é o papel da escola, ou seja, o desenvolvimento intelectual e pessoal dos alunos, ou seja, a educação integral.

De acordo com Nogueira:

Inserir os alunos em ações e procedimentos que os coloquem mais ativamente em seu processo de formação e construção do conhecimento torna-

2 - Tomaremos como referência nossa experiência com projetos "feiras do livro" os quais já participamos como organizadores e convidados nas escolas que já atuamos.

se uma maneira mais eficiente de possibilitar o desenvolvimento da criatividade, da liderança, do espírito de cooperação, da tranquilidade em aceitar desafios na resolução de problemas e de dezenas de outras capacidades esperadas desses indivíduos, quando forem atuar mais ativamente nos diferentes segmentos sociais. (NOGUEIRA, 2008, p. 20).

Ainda nessa perspectiva, é válido considerar que muitas das iniciativas de elaboração de projetos na escola tenham sido frustradas pela forma com que a ideia é apresentada aos professores, de forma imposta e coerciva, em alguns casos.

Na década de 90, quando eclodiram ideias inovadoras sobre a metodologia de projetos contemplando os temas transversais apresentados nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), e com a difusão de ideias sobre a metodologia de trabalho com projetos, houve o início de muitas iniciativas de trabalhos escolares de forma diferenciada. Tais trabalhos, atendendo as exigências do Ministério da Educação, segundo ordens de órgãos competentes, como os núcleos de educação, por exemplo, eram elaborados, muitas vezes, de forma desvinculada das disciplinas de base do currículo escolar, ou melhor, contemplando apenas um campo do conhecimento – ainda que a orientação não tenha sido dada nesse sentido. Assim, como no exemplo anterior das feiras do livro, datas de início e término para que os projetos acontecessem eram sinalizado pelas direções das escolas, o que exigia do professor uma preocupação com o resultado dessa atividade em detrimento aos conteúdos previstos em sua proposta curricular para a turma. Desse modo, um atraso naquilo que estava previsto em seu cronograma anual, por ter que atender a exigência de um projeto, tornou-se o motivo da frustração de muitos docentes que começaram a se opor às ideias de desenvolvimento de projetos na escola.

É válido considerar que o significado de transversalidade é relativo àquilo que vem de forma oblíqua, atravessado. Assim, os projetos escolares devem, e não simplesmente podem, ser construídos de forma atravessada aos conteúdos de cada componente curricular. Apenas como exemplo, é válido refletir: em um projeto com o tema reciclagem, tão comum nas escolas ultimamente, é possível um trabalho com Língua Portuguesa? Matemática? Física? Biologia? Ou até mesmo, Educação Física? De que forma tais disciplinas podem "atravessar" o tema "Reciclagem" cumprindo seu papel transversal na disciplina?

Um exemplo importante a se observar é a nova configuração do ENEM há aproximadamente 10 anos após a aplicação da primeira versão desse exame que tende a avaliar a qualidade do ensino médio brasileiro. A principal ideia do novo ENEM e o seu novo modelo é reformular o padrão de ensino e aprendizagem do Ensino Médio. Ao invés de termos um Ensino Médio voltado ao vestibular, vamos ter um ensino voltado para a solução de problemas, um ensino mais prático e próximo da realidade dos alunos³.

Nessa perspectiva, nada melhor do que se pensar um trabalho escolar, ou por que não uma educação,

3 - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO: MEC. **Novo ENEM**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/busca-geral/179-estudantes-108009469-vestibulares-1723538374/13318-novo-enem.>>.

no sentido lato, voltada para a solução dos problemas presentes no cotidiano social do aluno, via projetos escolares em uma perspectiva em que o aluno seja o agente, o pesquisador e em que o professor é, indiscutivelmente, o mediador desse trabalho. Projetos de trabalho escolar fundamentados em uma

[...] concepção de globalização entendida como um processo muito mais interno do que externo, no qual as relações entre conteúdos e áreas de conhecimento têm lugar em função das necessidades que traz consigo o fato de resolver uma série de problemas que subjazem na aprendizagem. (HERNANDEZ; VENTURA, 1998, p.62)

Sendo assim, é possível provocar: por que não perguntar ao grupo de alunos o que se quer saber ou aprender na escola e, a partir daí, inserir o conteúdo curricular de maneira solúvel atendendo as necessidades do objeto de interesse do grupo? No entanto, é possível colocar em xeque a seguinte questão: mas como atender a necessidade de um grupo de aproximadamente 40 alunos? É exatamente nesse ponto que acredito que esteja o grande sentido de se elaborar os projetos. Ao reconhecer a turma, é possível a elaboração de estratégias que busquem o interesse coletivo por meio de práticas de discussão, diálogos, rodas de conversas, produção de registros em grupos que possa capturar o interesse comum dos alunos nas salas de aula. A partir desses resultados, inicia-se um trabalho no formato adequado para atender a essa demanda vinda exatamente daquele que deve ser o centro das atenções no ambiente escolar, o aluno e a construção do seu conhecimento.

2.1 Os desafios das mudanças metodológicas

Seria bastante ingênuo acreditar que a mudança de perfil de um professor, bem como da identidade de uma escola se daria de uma hora para outra e com facilidades. Trata-se de uma possibilidade de transformação coletiva, que exige muito mais do que simplesmente mudanças de ordem metodológica ou de uso de materiais de ensino, ainda que sejam bastante importantes. Como já apontado, o interesse individual e a crença de que mudanças são necessárias para que se reconfigure o ensino e as estratégias de trabalho na escola, é o primeiro passo para a inovação de um processo de mudanças na construção de uma nova sociedade por meio de estratégias escolares, em que a produção coletiva de conhecimento vinculadas às práticas fundamentadas em valores e afetos sejam construídas.

Para tentar explicar minimamente aquilo que acreditamos ser possível realizar na sala de aula, no intuito de quebrar certos padrões de ensino e de aprendizagem, passaremos a relatar um projeto de trabalho desenvolvido por duas professoras sob nosso acompanhamento no papel de pesquisador⁴ no ano de 2012 no município de Quatiguá PR.

No intuito de extrair o interesse de pesquisa do grupo de alunos do 3º e 4º ano, as professoras propuseram um passeio de ônibus ao trevo de acesso principal da cidade. Na ocasião, o grupo de alunos foi levado a encontrar respostas a seguinte pergunta, que norteou o passeio: o que mudar e como mudar esse ambiente? O passeio

4 - Esse trabalho é uma iniciativa da Fundação SICREDI em parceria com o município. O programa é chamado A União Faz a Vida.

recebeu o nome de Expedição Investigativa⁵ e foi norteado o tempo todo pelas perguntas exploratórias. Ao voltar para a escola, foi proposto ao grupo que, coletivamente e, por meio de diálogos, iniciassem a discussão sobre o que chamou a atenção no passeio no ambiente em que visitaram. O trabalho iniciou com a produção de materiais de exposição, orientados pelas professoras. Cartazes e desenhos foram construídos pelos alunos no intuito de reproduzir aquilo que, de alguma forma, chamou a atenção do grupo na Expedição Investigativa. O resultado foi a percepção de que não havia beleza e atrativo para aqueles que chegavam e passavam pelo trevo da cidade.

Nesse momento, surgiram discussões sobre a possibilidade de mudar o cenário que não estava interessante aos olhos dos alunos e, muito provavelmente, daqueles que por ali passavam. O papel das professoras foi o de provocar nos alunos a curiosidade e, naturalmente, ideias de como seria possível efetuar uma mudança significativa naquele espaço sem recursos financeiros disponíveis para esse fim. Foi então perceptível que o resultado da mediação das professoras, no despertar da curiosidade dos alunos, trouxe muito rapidamente, respostas positivas. Os alunos, coletivamente, tiveram a iniciativa de produzirem textos informativos convidando a população da cidade a participar de uma campanha para arrecadação de mudas que pudessem colaborar para a construção de um belo jardim na entrada da cidade. Sob orientação das professoras, a produção textual foi realizada e tais produções foram distribuídas pelos alunos à comunidade. Aos poucos foram chegando inúmeras doações de plantas, das mais singelas, plantadas em potes de produtos alimentícios, às mudas compradas em floricultura.



Figura 1 - Transporte das plantas doadas até o jardim

No intuito de fortalecer as disciplinas do currículo escolar, tendo como referência o objeto de interesse dos alunos, ou seja, o jardim do trevo da cidade, as disciplinas foram ganhando o formato do projeto. Da produção textual do material de divulgação, à aula de ciências sobre o plantio das mudas, bem como as mudanças da geografia e da história daquele espaço, que em breve seria alterado pela ação escolar de interesse dos alunos e, principalmente do aprendizado do grupo, foi possível perceber que a ação educativa ocorreu em ordem

5 - Um texto bastante interessante para entender a proposta da Expedição Investigativa é Os Mapas de Rubem Alves disponível no Caderno Didático para Assessores Pedagógicos oferecido pelo SICREDI na formação dos Assessores Pedagógicos do Programa A União faz a Vida.

inversa àquilo que normalmente se costuma perceber na escola, agora o interesse vinha dos alunos e não dos professores. O trabalho das professoras foi, inicialmente, escolher o território de exploração que, de certa forma, vinculava-se ao interesse do currículo escolar - nessa ocasião ao conteúdo de história - e, posteriormente, o de mediar o trabalho dos alunos naquilo que eles próprios propunham realizar. Foi necessário, ao longo do projeto, reconhecer o papel da comunidade na construção do trabalho. Assim, ainda mediado pelas professoras, levantou-se o que se reconheceu como Comunidade de Aprendizagem⁶. Iniciou-se, dessa forma, o envolvimento de maneira voluntária de pessoas da comunidade que puderam colaborar de modo significativo para a construção e manutenção do jardim que recebeu o nome de "Jardim Colaborativo".

O plantio das mudas foi realizado pelos próprios alunos sob orientação de uma voluntária, entendida como "apoiador", no projeto Jardim Colaborativo. Na ocasião, os alunos puderam ter uma aula de ciências sobre o plantio das mudas doadas pela comunidade, ministrada por uma arquiteta/urbanista que gentilmente cedeu seu tempo para participar do evento.



Figura 2 - Orientação da "Comunidade de aprendizagem" às crianças envolvidas no projeto

O projeto contou ainda com a participação intensa de trabalhadores da prefeitura municipal que construíram um canteiro em torno de uma placa que dá as boas vindas à cidade com os dizeres "Bem-vindos à



Figura 3 - chegada das crianças até o local do trabalho

6 - Um texto bastante interessante para entender a proposta da Expedição Investigativa é "Trabalho Comunitário deve estimular capacidades, não deficiências" disponível no Caderno Didático para Assessores Pedagógicos oferecido pelo SICREDI na formação dos Assessores Pedagógicos do Programa A União Faz a Vida.

Quatiguá." Na ocasião, não só o jardim foi cuidado, como também houve uma grande limpeza no acesso principal da cidade, que pôde contar com uma reorganização geral nas regiões de acesso, pinturas das canaletas do meio fio e a poda das árvores que ali se encontravam.

Algo bastante interessante, necessário destacar, é que a placa de boas vindas, há muitos anos se encontrava sem suas cores originais, o que impossibilitava a leitura clara de quem passava por ali. No momento em que o movimento de crianças e da escola acontecia sob cuidados da Polícia Rodoviária Federal, que foi contatada pela escola, o responsável pela placa, membro do Rotary Club parou seu carro para ver o que estava ocorrendo e logo se prontificou a cuidar da placa, que no outro dia recebia cores novas.

Tal iniciativa desencadeou inúmeras aprendizagens aos alunos, não somente àqueles envolvidos com o projeto, mas a todos, que de certa forma puderam reconhecer o papel dos alunos e professores engajados na ação. O projeto, por seu caráter de construção de um objeto, ou seja, o canteiro de flores, bem como da transformação de um espaço, por meio de uma iniciativa do grupo, foi reconhecido pelos próprios alunos como semelhante à história "O vestido azul"⁷. Importante salientar que todas as atividades desenvolvidas ao longo do projeto contaram com práticas lúdicas de ensino, bem como norteadas por motivações fundamentadas no diálogo dos envolvidos colocando o aluno como responsável pelas tomadas de decisão do que seria realizado. Indiscutivelmente, o papel da afetividade, instaurado nas relações professor/aluno e aluno/aluno cumpriu seu papel essencial, favorecendo ações educativas e aprendizagem significativa.

Sem querer ser utópico ou purista demasiadamente, acreditamos que a nossa missão é realmente formar o cidadão integral, que tenha uma graduação, que tenha competências, que consiga se colocar no mercado de trabalho e mais do que tudo, que seja feliz. (NOGUEIRA, 2008, p.27)

E ainda, no reconhecimento de que a afetividade, o diálogo e a construção coletiva do objeto de interesse dos alunos seja papel fundamental para um trabalho escolar de sucesso, é que ainda consideramos que uma iniciativa, que envolva a comunidade em seus aspectos físicos e morais como possibilidade de aprendizagem sobre o assunto do projeto, possa colaborar para o sentimento de pertencimento do aluno nos espaços sociais em que circulam, não como futuros cidadãos, que ainda crescerão e farão parte desses espaços, mas de pequenos e possíveis agentes na construção e manutenção de espaços públicos que possam ser reconhecidos, já na infância como seus, compreendidos de tal forma, via projetos de ensino, atravessados pelas disciplinas escolares e não o contrário.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que se reconheçam as inúmeras metodologias que ao longo do tempo se fazem presentes na escola e atualmente o papel fundamental das novas

7 - PASTOR ANTÔNIO JUNIOR. Vestido Azul. Disponível em: <<http://www.pastorantoniojunior.com.br/mensagens-evangelicas/o-vestido-azul-historias-para-reflexao>> Acesso em: 22 nov. 2014

tecnologias de informação e comunicação como recursos de trabalho no ambiente escolar, defendemos ainda o reconhecimento de novas práticas de trabalho que se fundamentem em propostas interdisciplinares alicerçadas no interesse dos alunos em seus mais variados campos de conhecimento e não apenas dos interesses dos professores ou daquilo que se encontra prescrito nos documentos oficiais.

Interdisciplinar que se fundamenta na crença de que o aluno possa estabelecer conexões pelo simples fato de serem evidenciados pelo professor, e em que o somatório de aproximações a um tema permita, por si próprio, resolver os problemas de conhecimento de uma forma integrada e relacional. (HERNANDEZ; VENTURA, 1998, p.54)

Nossa defesa se constrói com base naquilo que vivenciamos enquanto professor e pesquisador em algumas escolas e no desenvolvimento de nossas pesquisas. Acreditamos que iniciativas que promovam mudanças significativas, principalmente naquilo que entendemos como essencial nas relações humanas e que necessita estar presente na escola, ou seja, a afetividade, possa colaborar fundamentalmente para que diminuam a indisciplina e a evasão escolar. Nesse aspecto, torna-se urgente reflexões institucionais que procurem a resposta para a pergunta: qual a identidade da minha escola? Tendo essa pergunta respondida pelo grupo de professores e gestores, tem-se a clareza de que caminhos devem ser seguidos para que se faça uma escola com sua identidade marcada por inovações tão necessárias na contemporaneidade.

É válido considerar que reconhecer o perfil da turma, seus anseios e interesses inscritos em sua história e faixa etária, explorar os territórios e espaços junto com a comunidade local possibilitando uma nova configuração de escola que aprende e ensina com o outro, possibilitando reconhecer seu papel como formadora de pequenos e atuais cidadãos que agem e pensam coletivamente, seja o caminho para que se construa a identidade escolar que possa ser reconhecida publicamente por ser uma instituição que colabora para a formação integral dos educandos, proporcionando assim, a construção de uma nova sociedade, que pensa, age e transforma, principalmente as injustiças e irregularidades sociais, por meio de

práticas educativas fundamentadas nos valores via projetos de aprendizagem significativa.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Valéria Amorin (org.). **Afetividade na escola:** alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 2003.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HERNÁNDEZ, Fernando; MONTSERRAT, Ventura. **A organização do currículo escolar por projetos de trabalho.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO: MEC. **Novo ENEM.** Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/busca-geral/179-estudantes-108009469/vestibulares-1723538374/13318-novo-enem>>. Acesso em: 22 nov. 2014.

NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. **Pedagogia de projetos:** etapas, papéis e atores. São Paulo: Érica, 2008.

PASTOR ANTÔNIO JUNIOR. **Vestido Azul.** Disponível em: <<http://www.pastorantoniojunior.com.br/mensagens-evangelicas/o-vestido-azul-historias-para-reflexao>>. Acesso em: 22 nov. 2014

RIBEIRO, Ana Elisa. **Novas tecnologias para ler e escrever.** Algumas ideias sobre ambientes e ferramentas digitais na sala de aula. Belo Horizonte, RHJ. 2012.

SOUZA, Renato Rocha. Contribuições das teorias pedagógicas da aprendizagem na transição do presencial para o virtual. In: COSCARELI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa. (orgs.) **Letramento digital:** aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. Belo Horizonte. Autêntica. 2007.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

VASCONCELOS, S.I.C. de. Pesquisas qualitativas e formação de professores de português. In: BASTOS, Neusa Maria. **Língua Portuguesa:** Uma visão em mosaico. São Paulo: Cortez I.P. – PUC/SP/EDUC, 2002, p. 277-297.